

## **GRUPOS DE VIVÊNCIAS COM CRIANÇAS E DE ORIENTAÇÃO PARENTAL: Um relato de experiência da prática psicológica em Unidade Básica de Saúde**

**MIGUEL DE SOUZA PIRES FILHO**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**JOÃO VICTOR LIMA BORGES**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**CARMEM VIRGÍNIA MORAES DA SILVA**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB / Universidade Federal da Bahia -  
UFBA

**GABRIELA CANGUSSU DE SOUZA MORAES**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

### **Resumo**

O trabalho apresenta as experiências de estudantes de Psicologia em grupos de vivências terapêuticas com crianças e grupos de orientação parental. Realizado em parceria com uma Unidade Básica de Saúde na zona rural de Vitória da Conquista - BA, buscando compreender as dinâmicas familiares e fortalecer vínculos comunitários. Nesse sentido, por meio de atividades lúdicas e técnicas psicoterápicas, a intervenção visa entender a subjetividade das crianças e as demandas dos responsáveis, abordando temas como comportamento infantil, uso de telas, entre outros. Os encontros, embora planejados para cinco sessões, tiveram adesão irregular dos participantes. Nas sessões de orientação parental foram discutidas questões como idealização da maternidade e dificuldades com comportamento dos filhos. Já nos encontros com as crianças o foco foi em promover brincadeiras e atividades criativas, explorando limites e autonomia. Apesar dos desafios com a falta de adesão, a intervenção revelou a complexidade das dinâmicas familiares e a importância da escuta ativa. O uso de materiais lúdicos facilitou a expressão das crianças, enquanto técnicas de mediação foram propostas para orientar os responsáveis. Embora tenha enfrentado dificuldades, a intervenção proporcionou aprendizados valiosos tanto para os estudantes quanto para os participantes.

**Palavras-chave:** Dinâmicas familiares. Orientação parental. Vivências com crianças.

### **Abstract**

The work presents the experiences of Psychology students in therapeutic experiential groups with children and parental guidance groups. Conducted in partnership with a Basic Health Unit in the rural area of Vitória da Conquista - BA, aiming to understand family dynamics and strengthen community bonds. In this sense, through playful activities and psychotherapeutic techniques, the intervention aims to understand the subjectivity of children and the demands of caregivers, addressing topics such as child behavior, screen use, and others. The meetings, although planned for five sessions, had irregular participant adherence. In the parental guidance

sessions, issues such as idealization of motherhood and difficulties with children's behavior were discussed. In the children's meetings, the focus was on promoting play and creative activities, exploring limits and autonomy. Despite the challenges with lack of adherence, the intervention revealed the complexity of family dynamics and the importance of active listening. The use of playful materials facilitated the expression of children, while mediation techniques were proposed to guide caregivers. Although it faced difficulties, the intervention provided valuable learning experiences for both students and participants.

**Keywords:** Family dynamics. Parental guidance. Experiences with children.

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo relatar as experiências - descrição do tipo informativa - de estudantes de Psicologia no processo de realização de grupos de vivências terapêuticas com crianças e grupos de orientação parental com os responsáveis. Nesse sentido, a proposta faz parte do componente curricular Técnicas de Psicoterapia com Criança do curso de Psicologia, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Visa-se, com esta disciplina, acessar a evolução histórica da psicoterapia com crianças, fundamentando teoricamente as técnicas do processo psicoterápico, bem como pontuar a importância do processo de orientação parental no manejo da psicoterapia infantil.

5923

As atividades foram desenvolvidas em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) rural na cidade de Vitória da Conquista - BA, com intuito de compreender as dinâmicas familiares ali presentes. Nesse sentido, entende-se que a parentalidade exige muitos desafios e incertezas sobre qual abordagem adotar na criação dos filhos, bem como as frustrações dos responsáveis diante das idealizações que tem destes. Nesse viés, a intervenção com os grupos de responsáveis ocorreu visando proporcionar um fortalecimento dos vínculos comunitários, bem como compartilhar as experiências entre os responsáveis sobre a rotina de criação dos filhos/enteados.

Seguindo, entende-se que “o brincar é a forma natural de expressão da criança, bem como a linguagem verbal é a dos adultos” (Oliveira, 2014, p. 108). Nessa perspectiva, é por meio das vivências com brincadeiras que as crianças vão manifestar suas subjetividades diante das dinâmicas familiares, assim como, é através da linguagem que se torna possível compreender as dificuldades e circunstâncias que moldam as dinâmicas familiares. Diante disso, por meio do emprego de brincadeiras e técnicas psicoterápicas é possível compreender a estrutura e manifestação da subjetividade de cada participante dos grupos. Destarte, “falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens” (Bock; Gonçalves;

Furtado, 2007, p. 22), ou seja, é importante considerar o ambiente social e as condições objetivas que moldam essa subjetividade.

Dessa maneira, esta intervenção tem por intuito colocar em prática os estudos teóricos realizados na disciplina de Técnicas de Psicoterapia com Crianças, na qual os grupos de orientação parental visam proporcionar uma oportunidade dos responsáveis falarem sobre as demandas dos filhos. Nesse sentido, “esse espaço de escuta faz parte do processo terapêutico, à medida que favorece o fortalecimento dos adultos, a ressignificação de suas angústias e, portanto, a possibilidade de mudança aliada a um novo modo de funcionamento familiar” (Guimarães; Malaquias; Pedroza, 2013, p. 703). Bem como, com a intervenção junto às crianças, visa-se proporcionar um espaço de vivências para as crianças no qual possibilite identificar as questões que motivaram o encaminhamento e funcionamento das dinâmicas familiares, pois as demandas das crianças surgem, também, como produto dos sintomas dos pais.

A orientação parental se justifica como importante em razão da compreensão de que muitas das demandas que surgem nos grupos infantis advém do contexto familiar ao qual está inserida. Dessa forma, o treino de pais “possibilita ao terapeuta investigar, focar e modificar aspectos cognitivos e comportamentais dos pais no que se refere ao comportamento do seu filho” (Pureza, 2014, p. 92). Assim, com os grupos de orientação parental, visa-se a modificação de padrões cristalizados de comportamentos indesejados.

Objetivou-se com essa prática, de modo geral, proporcionar um ambiente seguro para desenvolver orientação parental e grupos de vivências com crianças, no qual permita aos cuidadores compartilhar suas necessidades e experiências, bem como possibilitar um espaço para as crianças manifestarem suas subjetividades e serem ouvidas.

Como proposta de uma intervenção mais específica, objetivou-se propiciar um espaço de desenvolvimento de habilidades para os responsáveis e um espaço de escuta ativa, além de possibilitar uma rede de apoio comunitária e prevenir situações de negligência com as crianças. Além disso, a prática teve a função de enfatizar para os pais a importância das interações sociais e culturais no processo de desenvolvimento da infância e promover um espaço de vivência lúdica entre as crianças, facilitando a interação e o desenvolvimento de autonomia destas. Outrossim, reconhecer e respeitar as diferentes práticas culturais presentes nas famílias, adaptando a orientação parental de maneira sensível à diversidade cultural e histórica presentes na comunidade do Simão.

## **Metodologia**

Este relato discute sobre as possibilidades de prática com grupos de orientação parental e grupos infantis, ambos constituindo-se como grupos abertos e heterogêneos. Além disso, pontua os prováveis benefícios, os desafios enfrentados e a experiência dos discentes de Psicologia durante esse processo de intervenção, no qual foram utilizadas ferramentas da orientação parental e da psicoterapia infantil, explorando seus fundamentos teóricos, metodológicos e o seu impacto na vida dos indivíduos orientados.

Foram propostos cinco encontros, contudo foram realizados apenas três, por falta de adesão dos responsáveis. Estes encontros eram intercalados entre o grupo de responsáveis e o grupo de crianças e ocorriam uma vez por semana, com duração aproximada de noventa minutos. Outrossim, a programação da prática deu-se da seguinte forma: primeiro encontro para orientação parental; segundo encontro para grupo de vivências com crianças; terceiro encontro para orientação parental; quarto encontro para grupo de vivências com crianças; e, por fim, o quinto encontro para orientação parental.

Os encontros tinham temas norteadores, porém, não se limitou a uma discussão fechada, com a intenção de que, tanto as crianças como os responsáveis tivessem a oportunidade de falar e expressar os conteúdos que quisessem naquele momento. As principais queixas apresentadas foram: dificuldades com relação ao mau comportamento dos filhos (segundo os responsáveis), uso excessivo de celular, hipótese diagnóstica de autismo, a utilização de castigos e 'surras' na educação dos filhos, escola, entre outros.

Os recursos e técnicas empregados nos grupos propostos poderiam, também, ser empregados em sessões individualizadas, todavia, a escolha por uma prática grupal apoiou-se na discussão que vislumbra o grupo como “uma forma de experimentar algo com os componentes e encontrar possibilidades diferentes, construindo novas alternativas, modos de subjetivação e existência” (Rossi; Kirch; Allgayer, 2009, p. 5). Além disso, optou-se pela utilização de grupos abertos, os quais são aqueles em que “qualquer pessoa pode iniciar a participação nas atividades ou ausentar-se e deixar de participar a cada encontro realizado” (Osete Souza; Paiva; Bonafé Sei, 2019, p. 178).

De acordo com Osete Souza, Paiva e Bonafé Sei (2019), proporcionar a adesão de novos participantes ao grupo colabora para uma variedade de narrativas de vida e potencializa a capacidade de identificação entre eles por meio da expressão de experiências na comunidade em que estão inseridos. Dessa forma, foi possível observar entre os integrantes dos grupos discussões e manifestações baseadas na vida cotidiana de cada um, abordando elementos que

lhes eram familiares e remetiam à vida coletiva dos que participavam. Essas expressões se mostraram tanto no grupo infantil, por meio das brincadeiras e de como vivenciavam as relações, e no grupo de orientação parental, mediante a comunicação das situações vivenciadas no contexto familiar e no exercício dos papéis sociais que lhes foram atribuídos.

Contudo, a maioria dos participantes não esteve presente em todos os encontros e o grupo de orientação parental ocorreu apenas uma vez, fortalecendo a observação de que “a entrada e saída de membros dificulta uma vinculação mais profunda entre os participantes e com os próprios coordenadores” (*ibidem*, 2019, p. 177). Essa circunstância impediu, em alguns momentos, a continuidade da discussão de conteúdos, demandas e outras questões levantadas pelo grupo.

Considerando a afirmação de Sei e Pereira (*apud* Malchiodi, 2005, p. 41), de que “[...] as produções artísticas das crianças oferecem informações ao terapeuta, que poderiam não ser obtidas através de meios verbais, beneficiando a criança que necessita de intervenção e compreensão”, destacamos os recursos lúdicos utilizados para a realização da prática, como lápis de cor, balões, massinha de modelar, sucatas e folhas de papel para realização de desenhos, além de equipamentos presentes no ambiente, como cadeiras e mesas. Foi possível perceber que os responsáveis também se beneficiam de materiais lúdicos, que valorizam seus aspectos criativos e não apenas a fala. Assim, evidencia-se como essas dinâmicas são pertinentes para compreender os conteúdos encobertos que, muitas vezes, podem não aparecer na fala. Em consonância a isso, as brincadeiras e técnicas possibilitaram a compreensão da estrutura e manifestação da subjetividade de cada membro, tanto no grupo infantil, quanto no grupo de responsáveis.

5926

## Resultados e discussões

O primeiro encontro foi direcionado à orientação parental e teve por objetivo identificar as demandas presentes no grupo de responsáveis. Nesse viés, para dar início às atividades foi realizada uma técnica de apresentação, na qual foi solicitado que as participantes do grupo se apresentassem e falassem sobre suas experiências e vínculos com crianças. Assim, percebeu-se que as participantes já se conheciam previamente ao encontro.

Seguindo, como ápice do encontro utilizou-se a técnica dos balões temáticos (Imagem 1), na qual solicitou-se que as pessoas presentes no grupo elencassem palavras referentes aos contextos das crianças ao qual tinha convívio e colocassem dentro de um balão. Nesse sentido, foi orientado que relatassem situações vivenciadas com as crianças a partir da palavra sorteada.

Porém, a técnica precisou ser adaptada devido a presença de um bebê na sala e, por conseguinte, não se utilizou os balões.

Imagem 1 - Técnica dos balões temáticos



Fonte: acervo pessoal dos autores

Foi possível identificar, através desta técnica, temas importantes presentes dentro das dinâmicas familiares, demonstrando aspectos significativos sobre como as crianças se expressam e como são vistas nesse ambiente, sendo eles: dificuldades com relação ao mau comportamento dos filhos, uso excessivo de celular, hipótese diagnóstica de autismo, a utilização de castigos e 'surras' na educação dos filhos, escola, meio religioso, entre outros.

Por meio da discussão desses temas, observou-se a participação efetiva dos membros do grupo e, também, pôde-se promover a interação entre eles, propiciando o fortalecimento dos vínculos comunitários a partir do compartilhamento e da discussão de suas experiências, uma vez que opinaram e conversaram sobre as questões individuais e coletivas, buscando alternativas para as dificuldades encontradas na vivência familiar.

5927

Após finalizada a técnica principal, realizou-se uma atividade lúdica de desenho livre da família para encerrar o encontro, ilustrada na Imagem 2. Esta técnica foi conduzida da seguinte forma: com a utilização de papéis e lápis preto e de colorir, solicitou-se das participantes que fizessem um desenho da família, da forma que quisessem e como conseguissem. A partir disso, notou-se alguns temas diante dos elementos presentes nos desenhos, como por exemplo, a importância da religiosidade para as duas participantes, bem como, elementos de lazer e do cotidiano familiar.

Imagem 2 - Desenho estória da família (acervo pessoal dos autores)



Fonte: acervo pessoal dos autores

Um fato que chamou atenção dos mediadores com a utilização dessa técnica foi o esquecimento da representação de uma das filhas por uma das participantes. Tal esquecimento foi apontado por outra integrante que conhecia a realidade daquela estrutura familiar. Assim, ficou evidente um apagamento da identidade da filha mais velha, (J)<sup>1</sup>, em detrimento da mais nova, (H), que motivou o encaminhamento para o processo de orientação parental. Essa questão ficou evidente mais tarde com o grupo de vivência de crianças, em que a irmã mais velha era influenciada pela vontade da irmã mais nova.

O segundo encontro foi direcionado para o grupo de vivências com crianças e teve como intuito conhecer esses participantes. Atrelado a isso, a técnica de apresentação foi mais livre e, por conseguinte, solicitou-se que as crianças dissessem os seus nomes e suas idades. Avançando, utilizou-se as vivências com brincadeiras como a técnica principal, em que houveram várias propostas de brincadeiras de ambas as partes, tanto dos mediadoras quanto das crianças. Dessa forma, para trabalhar limites e autonomia optou-se por experimentar as brincadeiras que todos foram sugerindo, oferecendo espaço de acolhimento de suas demandas. Essa atitude dos mediadores desenvolveu-se principalmente na relação das duas irmãs que participaram do grupo, na qual notou-se um apagamento da autonomia da irmã mais velha (J) em relação à irmã mais nova (H), que apareceu no contato com a mãe no grupo de orientação parental.

Encontrou-se uma dificuldade nessa imposição de limites e acolhimento das demandas de todos os participantes, pois, uma das crianças do grupo apresentou uma labilidade na escolha de brincadeiras, bem como, uma dificuldade de obedecer e respeitar limites. Por exemplo, fazendo gestos de conotação sexual, agredindo os colegas, não aceitando as brincadeiras escolhidas pelas outras crianças, tentando despir alguns dos mediadores. Assim, apesar do desafio, a intervenção dos mediadores voltou-se para a análise e compreensão de tais comportamentos.

Para finalizar o encontro utilizou-se a técnica do desenho livre, que possibilitou perceber a dificuldade de uma das crianças (S) em realizar os desenhos, ilustrados na Imagem 3, pois apresentou desenhos pobres em detalhes, que não são compatíveis com os desenhos esperados para as crianças de sua idade. Além do mais, na fase de inquéritos sobre os elementos desenhados, apresentou certo déficit na comunicação, pois sua fala era empobrecida e difícil de ser compreendida.

---

<sup>1</sup> Utilizou-se a inicial dos nomes dos participantes a fim de resguardar a identidade destes.

Imagem 3 - Desenho livre das crianças



Fonte: acervo pessoal dos autores

Essa atividade possibilitou, também, trabalhar a autonomia da irmã mais velha (J) em detrimento da mais nova (H), pois foi ofertado um momento para que ela pudesse escolher e se posicionar sobre o que queria desenhar. Além disso, as crianças conseguiram se expressar através de seus desenhos, demonstrando criatividade e informações sobre seus contextos relacionais.

5929

O terceiro encontro foi programado para a orientação parental com a finalidade de orientar os pais a partir das demandas percebidas no encontro anterior com as crianças, mas nenhum participante compareceu. Contudo, o plano de atividades para guiar o encontro baseava-se em temas elencados em pedaços de papéis pelos mediadores, sendo esses: relações entre irmãos, com a escola e no ambiente de casa; situações de negligência e violência. Destarte, o intuito era questionar os responsáveis se tinham alguma experiência ou vivência com as temáticas propostas que gostariam de compartilhar com o grupo, assim como fomentar uma discussão partilhada entre eles apontando diferentes pontos de vista e alternativas quanto aos possíveis caminhos diante das dificuldades apresentadas .

Além disso, para finalizar as atividades, era programado continuar com a discussão elaborada pelas participantes no primeiro encontro voltado para orientação parental com a temática principal relacionada às frustrações dos cuidadores diante das idealizações em relação aos filhos. Dessa forma, seria solicitado que as mães dissessem suas expectativas em relação à maternidade, bem como as reais atribuições na vida maternal, explorando, assim, se a realidade é condizente com as expectativas que tinham.

O quarto encontro foi destinado ao grupo de vivências com crianças, que tinha a intenção de identificar situações e habilidades que estão presentes ou são esperadas pelos responsáveis na interação com as crianças. Em função de não surgirem novos membros no grupo, não houve a necessidade de uma técnica de apresentação e, por conseguinte, iniciou-se às atividades utilizando a proposta de vivência com sucatas e massinha de modelar (Imagem 4). Com esse roteiro, esperava-se proporcionar um momento significativo, propício para descobertas, criatividade e o enriquecimento da experiência das crianças e fomentando o desenvolvimento das suas habilidades. Além disso, a utilização das sucatas proporciona uma variedade de possibilidades para o brincar infantil, influenciando de maneira assertiva no desenvolvimento motor, cognitivo, psicológico e social da criança, enfim, suas potencialidades.

Imagem 4 - Vivência com sucatas



Fonte: acervo pessoal dos autores

5930

A massinha de modelar, ilustrada na Imagem 5, desempenha um papel relevante no processo de desenvolvimento das crianças, proporcionando uma experiência sensorial e educacional. Ao ser apresentada para as crianças, elas se mostraram interessadas em criar objetos e ferramentas a partir da massinha.

Imagem 5 - Vivência com massinha de modelar



Fonte: acervo pessoal dos autores

Por ser o último encontro de vivências com as crianças, foi proposto o brincar livre para finalizar o grupo, o qual permite à criança expressar suas vontades, desejos, experimentar, aprender e processar situações presentes no seu cotidiano. Pensando nisto, a proposta das brincadeiras livres com as crianças foi no intuito de permitir que estas utilizassem os objetos apresentados pelos mediadores, bem como os presentes no espaço para manifestar e expressar suas emoções e habilidades motoras, cognitivas e sociais, permitindo, assim, uma visão mais completa do seu desenvolvimento.

Foi possível identificar algumas características nas relações das crianças umas com as outras, por meio dos materiais lúdicos e brincadeiras livres. Com relação à criança (S), notou-se uma mudança nos padrões de comportamento diante da figura de autoridade, sua avó, que estava presente neste encontro. Porquanto, não apresentou a conduta que teve no encontro anterior, no qual sua avó não estava presente, o que ficou claro, em um momento que ela se ausentou da sala e ele repetiu os comportamentos de conotação sexual e de agressividade para com os outros integrantes do grupo.

Por meio do processo das brincadeiras livres e utilização das técnicas propostas pelos mediadores, pôde-se enfatizar a autonomia na relação da criança (J), irmã mais velha, em detrimento da criança (H), irmã mais nova. Nessa perspectiva, ao iniciar uma nova brincadeira ou até mesmo selecionar uma música, sempre foi questionado à criança (J) sobre sua preferência pela atividade a ser realizada. Por exemplo, quando (H) sugeriu brincar de dança da cadeira, foi perguntado a (J) qual música gostaria de cantar para iniciar a brincadeira. A partir disso, notou-se, também, que a irmã mais nova (H), irritava-se quando era proporcionado um espaço maior de autonomia para sua irmã (J).

Seguindo, através desse processo de brincadeiras livres e guiadas, trabalhou-se a questão de limites e autonomia entre as crianças presentes. Arelado a isso, conferiu-se a todas estas a possibilidade de escolher uma brincadeira, bem como respeitar o tempo de escolha de cada uma presente no grupo de vivências. Ao ponto que pôde-se observar as limitações presentes no comportamento da criança (S) quando solicitado para contar de um a vinte na brincadeira de “pique-esconde”, no qual este só conseguiu contar até dez, habilidade não esperada para uma criança de nove anos.

O quinto encontro dirigiu-se para o grupo de orientação parental e teve como objetivo finalizar as atividades de grupo e realizar os encaminhamentos necessários, porém não houveram participantes presentes. Todavia, o plano de atividades proposto para o dia baseava-se na técnica dos três cenários, com a temática preestabelecida. A partir desta técnica, foi

pensado trabalhar com os responsáveis os cenários reais, ideais e possíveis diante das demandas apresentadas por estes no processo de orientação, visando, assim, buscar alternativas concretas para manejar as dificuldades e angústias apresentadas pelos responsáveis nas relações estabelecidas com as crianças.

Como estava programado para encerrar as atividades do grupo de orientação, pensou-se em realizar sugestões de encaminhamentos e orientações individualizadas, em função das demandas de cada participante do coletivo. Uma destas orientações seria direcionada para a mãe das duas meninas que estavam participando do grupo infantil, propondo atividades separadas para as filhas, porquanto, percebeu-se um assujeitamento da filha mais velha em relação à mais nova.

Em relação à criança (S), pensou-se na sugestão do encaminhamento a um neuropsicólogo para realização de uma avaliação neuropsicológica com objetivo de identificar possíveis hipóteses diagnósticas e, também, para o neuropedagogo, visando acompanhamento especializado e investigação das demandas apresentadas nas brincadeiras, como o comprometimento da fala e dificuldades não esperados para crianças de sua idade. Também, julgou-se necessário sugerir um encaminhamento para o CAPSia, visando proporcionar melhor qualidade de vida, em vista de sua estrutura familiar, na qual, a responsável que o acompanhou não tem condições de auxiliá-lo por completo, sem orientação especializada.

5932

Esta experiência trouxe valiosos aprendizados, evidenciando o poder do brincar livre, do desenho e da expressão artística como formas eficazes de externalizar as histórias, sentimentos e emoções presentes nas vivências das crianças. Ao mergulharem nas atividades lúdicas e criativas, os mediadores puderam não apenas testemunhar, mas também compreender os comportamentos das crianças, discernindo padrões de interação, identificando limitações e entendendo suas necessidades individuais. Essa imersão prática permitiu uma compreensão mais rica e sensível das crianças, proporcionando uma base sólida para a concepção de intervenções que fossem verdadeiramente adaptadas e eficazes para cada uma delas.

Como aprendizado, durante a intervenção, também, ficou evidente a relevância de estar preparado para adaptar as técnicas e o planejamento das atividades diante de imprevistos e limitações, como a presença de um bebê na sala durante o grupo. Isso ressalta a importância da flexibilidade e da capacidade de ajustar as abordagens para atender às necessidades específicas dos participantes. A necessidade de adaptação da atividade com balões exemplifica como os mediadores precisam ser ágeis e criativos para garantir a eficácia da intervenção, mesmo diante de circunstâncias inesperadas.

Por fim, esta intervenção foi a primeira experiência dos mediadores com a prática do fazer psicológico com crianças na Unidade Básica da Família. Diante disso, como aprendizado, ficaram evidentes os desafios inerentes à promoção da saúde nesses contextos, que vão desde a baixa adesão dos participantes até as dificuldades de acesso aos serviços, considerando a localização distante da cidade. Assim, esses obstáculos destacam a necessidade de estratégias criativas e acessíveis para garantir a eficácia das intervenções em saúde mental, especialmente em áreas geograficamente desafiadoras.

### **Considerações Finais**

Com base nos resultados e nas experiências obtidas por meio dos grupos de vivências terapêuticas com crianças e orientação parental, é possível destacar alguns aspectos significativos que emergiram ao longo da intervenção. Esta revelou a complexidade e a diversidade das demandas apresentadas por ambos os grupos e, na maioria das vezes, como as demandas dos filhos estavam intimamente relacionadas com as demandas dos responsáveis.

Assim, a multiplicidade de queixas e demandas que surgiram no encontro com as responsáveis refletiram os desafios inerentes à parentalidade, demonstrando a influência dos atravessamentos socioculturais e econômicos neste exercício social. A análise das dinâmicas familiares evidenciou a necessidade de orientação parental, destacando-se temas como a idealização da maternidade, frustração diante das expectativas, dificuldades com relação ao mau comportamento dos filhos e a utilização de castigos e 'surras' nesse contexto, uso excessivo de celular, escola, importância da religião para a família, entre outros.

A falta de comparecimento dos responsáveis em dois dos três encontros voltados para a orientação parental, impossibilitou a efetivação e aplicação de técnicas planejadas para o trabalho de grupo com os responsáveis. Esse fato ressalta a complexidade de conciliar a participação em atividades terapêuticas com os desafios cotidianos e merece atenção por parte dos profissionais, principalmente os inclinados à área de saúde da família. Contudo, apesar dessa baixa adesão, a intervenção proporcionou aprendizados valiosos para os estudantes de Psicologia e para as participantes.

No âmbito das vivências com as crianças, a utilização de materiais lúdicos, como sucatas e massinhas de modelar, revelou-se como recurso eficaz para compreender suas expressões, limites e autonomia. Outrossim, através das técnicas utilizadas, fomentando a expressão artística e estas vivências lúdicas, foi possível observar as subjetividades das crianças e a manifestação de questões familiares latentes, como, por exemplo, a observação das

interações entre as irmãs (J) e (H) durante as brincadeiras demonstraram alguns aspectos do funcionamento familiar, já comentadas pela mãe no encontro de orientação parental.

Além disso, a escuta ativa, tanto com os responsáveis quanto com as crianças, foi destacada como um componente crucial no processo terapêutico, pois permitiu que os mediadores oferecessem a oportunidade para os sujeitos expressarem suas queixas verdadeiramente. Nota-se, também, que a proposta de grupos abertos permitiu a troca de experiências entre os participantes, fortalecendo os vínculos comunitários e proporcionando um espaço de reflexão e apoio mútuo.

Diante disso, é possível concluir que a intervenção contribuiu para a aplicação prática dos conhecimentos teóricos, promovendo o diálogo e a compreensão das dinâmicas familiares e das necessidades das crianças. A continuidade e aperfeiçoamento dessas práticas terapêuticas na comunidade em questão podem representar um caminho significativo no desenvolvimento saudável das crianças envolvidas e na promoção do bem-estar das famílias atendidas.

## Referências

BOCK, A. M.; GONÇALVES, M. da G. FURTADO, O. (orgs). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GUIMARÃES, M. C.; MALAQUIAS, J. H. V.; PEDROZA, R. L. S. Psicoterapia infantil em grupo: possibilidades de escuta de subjetividades. **Rev. Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 687-710, dez. 2013.

OLIVEIRA, E. D. Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 11, n. 20, p. 105-119, 2014.

OSETE SOUZA, L.; PAIVA, G.; BONAFÉ SEI, M. Grupo aberto de crianças: quais as possibilidades de convivência e intervenção? **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 10, n. 3, 10 dez. 2019.

PUREZA, J. da R. *et al.* Fundamentos e aplicações da Terapia Cognitivo Comportamental com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 1, n. 16, 85-103, 2014.

ROSSI, E.; KIRCH, J. A.; ALLGAYER, M. Grupo Terapêutico de Crianças - ampliando o contexto da intervenção. **Anais de Trabalhos Completos do XV Encontro Nacional da ABRAPSO**, Maceió, 2009.

SEI, M. B.; PEREIRA, L. A. V. Grupo arteterapêutico com crianças: reflexões. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 39-47, 2005.

Autor 1:



Miguel de Souza Pires Filho  
Graduando bacharelado e licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Membro da linha Desenvolvimento Humano, Educação e Saúde, pertencente ao Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia (NUPEP/CNPq).  
Email: miguelpiresator@yahoo.com.br  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4163573354881152>  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2241-4174>

Autor 2:



João Victor Lima Borges  
Graduando bacharelado e licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Membro do Grupo de Estudo em Memória vinculado à disciplina Neuroanatomia.  
Email: jvictorborges3@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8966185406341810>  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2919-2846>

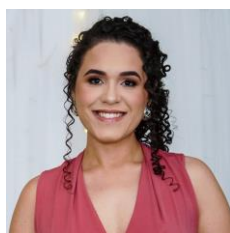
Autora 3



Carmem Virgínia Moraes da Silva  
PhD em Psicologia, Professora Titular da Universidade Estadual da Bahia – UESB e professora permanente externa do Programa de Psicologia da Saúde da Universidade Federal da Bahia – UFBA.  
E-mail: [carmem.virginia@uesb.edu.br](mailto:carmem.virginia@uesb.edu.br)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0139351935811805>  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4792-9939>

5935

Autora 4:



Gabriela Cangussu de Souza Moraes  
Bacharel e licenciada em Psicologia. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integrante do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia da Uesb (NUPEP), Linha 1: Desenvolvimento Humano, Educação e Saúde.  
Email: [cangussugab@gmail.com](mailto:cangussugab@gmail.com)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5745972139489845>  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5767-4343>